

**Gabinete do
Arcebispo Primaz**

HOMILIA

Ref. HML_11/2017

Homilia no Domingo de Páscoa

Braga, Sé Catedral, 16.abr.2017, 11h30

Afeiçoar-se às coisas do alto

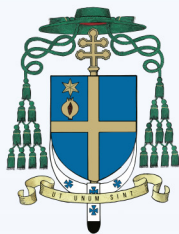
A ressurreição de Jesus é preâmbulo e garantia da nossa ressurreição, não só no final da vida mas também no quotidiano. Esta vida de ressuscitados exige que mergulhemos num amor renovado e que perseveremos em atitude de contemplação, alegre e festiva, para um encontro pessoal e efectivo. Ele ressuscitou e nós permanecemos ao lado do Vivente para, no quotidiano, saborearmos a beleza do Seu amor.

A ressurreição com Cristo exige, na lógica da segunda leitura, que aspiremos e nos afeiçoemos às coisas do alto e não às da terra. Uma vida honesta e profunda não se compadece com comportamento dicotómicos. Na perspectiva cristã, as coisas do alto, sem se confundirem com as terrenas, são fermento que fazem crescer o Reino do Deus. Encontram a sua plenitude quando lidas na perspectiva de algo efêmero que é orientado para o que permanece, para o que é perene. Temos, neste sentido, de aspirar às coisas do alto e, como consequência, de nos afeiçoarmos a elas de um modo sereno.

Afeiçoar-se significa ganhar familiaridade e conviver em íntima união. Ter gosto e alegria de presenciar o seu valor e significado, sentindo e experimentando a felicidade de estar e conviver com estas realidades transcendentais. Isto representa, antes de mais, uma atitude de contemplação.

Afeiçoados às coisas do alto, gostamos de dedicar tempo e energias para as compreender e permitir que entrem nos nossos dinamismos. A finalidade última é que elas nos levem a comportamentos novos e diferentes que repetimos com agrado e prazer. Mergulhar nas coisas do alto exige tempo e merece dedicação por tudo aquilo que nos proporciona. A felicidade prometida só acontecerá depois de experiências concretas de verdadeira intimidade. Para além de exigir tempo, afeiçoar-se à contemplação supõe uma progressividade, ou seja, darmos pequenos passos todos os dias, recomeçando e procurando avançar sempre mais nesta experiência que se tornará de grande gozo e prazer, na medida em que formos perseverantes e obedientes a um programa de fidelidade que concretizamos de um modo consciente.

Daí que a Páscoa nos deva levar à experiência de conviver permanente e progressivamente com o divino. Nunca nos saciamos o bastante! Apenas vamos reconhecendo a alegria que o estar com Jesus Ressuscitado desperta. Alegria experimentada para depois ser testemunhada. A fé transparece no rosto de serenidade que oferecemos como certeza de que nada nos falta. Cristo Ressuscitado é uma coisa só connosco e, onde Ele está presente, tudo é diferente para aqueles com quem contactamos.



Perante esta verdade, devemos gritar ao mundo onde se encontra a verdadeira alegria. O mundo moderno quer dizer-nos que está naquilo que possuímos ou nas experiências emotivas que realizamos. O cristão não nega nada daquilo que é humano. Prefere, todavia, complementar com valores marcados pela eternidade. Não é utopia, é um projecto! Cristo vive em quem acredita de modo sério e profundo.

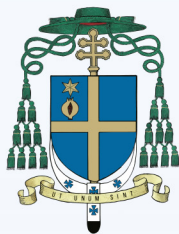
Para mostrar como estamos afeiçoados às coisas do alto, não desprezamos as realidades terrestres. Trata-se de as estimar mas atribuindo-lhe valor a comportamentos característicos do homem novo que nasce da Ressurreição de Cristo. Na verdade, desde os primórdios do cristianismo, o cristão comprazia-se em ser como todos os outros mas com uma atitude diferente, tornando-se, desse modo, a alma do mundo. O cristão está no mundo sem ser mundano. Participa em todas as experiências mas ousa mostrar, sem exibicionismos, que é diferente. Cristo gera uma vida com parâmetros especiais, profundamente integrados num humanismo novo que deve ser testemunhado ou proclamado. A palavra e os sinais exteriores dos nossos comportamentos são importantes. A vida é muito mais eloquente quando transparece Cristo de um modo que ninguém pode negar. Percorrer os caminhos anunciando, festivamente, que a morte não venceu significa gritar que tudo passa. Só aquilo que é eterno permanece e é capaz de preencher a vida.

Páscoa é essencialmente isto. O cristão deixa-se possuir por Cristo e é Ele que, numa simplicidade de vida, se apresenta no discípulo. Pode parecer exigente, mas a meta de uma vida cristã é esta. Caminhar até à plena identidade com Cristo, permitir que a palavra e as obras sejam repetição de tudo quanto Cristo fez ou disse. Onde será que a humanidade poderá ver e contactar com Cristo, hoje?

Há quem diga que o cristianismo vai perdendo incidência na sociedade. Sociologicamente falando é verdade. Só que isto obriga a Igreja a regressar ao essencial e mostrar que a sua verdade não é outra senão Cristo. E os cristãos devem auto analisar-se e reconhecer o quão longe se encontram daquilo que devem ser e testemunhar. Por isso, o tempo pascal continua a ser um desafio a ultrapassar incoerências e falsidades para mostrar o que verdadeiramente vale para cada um.

Este Cristo vivo em todos os discípulos deve percorrer as ruas das nossas aldeias e cidades e estar presente naquilo que cada um é ou faz. Não basta ser como todos os outros ou considerar-se cumpridor de algumas normas que correspondem ao estatuto de uma pessoa normal. A vida deve transparecer critérios e valores que nem todos abraçam ou perfilham. É nos diversos ambientes da vida que se mostra a qualidade do nosso cristianismo. Aí verificamos quão longe nos encontramos daquilo que devemos ser. Não se nota uma diferença e a atitude mais corrente é ser como todos os outros. A Páscoa pede mais.

Procuremos, por isso, como atitude reflectida e assumida aspirar e afeiçoarmo-nos às coisas do alto. O resto é uma consequência natural e normal. Esta opção dar-nos-à a felicidade que procuramos em lugares e coisas que prometem muito mas nunca poderemos experimentar a felicidade que procuramos. Por vezes andamos perdidos e desencantados como os apóstolos que inicialmente não quiseram acreditar na Ressurreição. Precisaram de ver e ouvir a voz do Mestre. Aproximemo-nos desta voz que a Palavra contemplada nos oferece. Afeiçoemo-nos a realidades que, partindo do



terreno, estão para além das suas propostas. Só o alto nos satisfaz. Corramos para o sepulcro vazio e partamos com a alegria de mostrar que Jesus está vivo, aqui e agora, através da vida daqueles e daquelas que dizem acreditar. Que a Páscoa nos leve para o alto e eleve a vida da humanidade. Que esta Páscoa nos torne felizes porque acreditamos que Cristo está vivo, em nós e entre nós. Esta é a diferença que o mundo precisa de ver nos cristãos.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*